



ENTRE O CÉU E A TERRA: UMA LEITURA DA VISÃO RELIGIOSA EM O AUTO DA BARCA DO INFERNO E O AUTO DA COMPADECIDA

BELO, Bruna Regina Gomes¹

STORTI, Eione Francisco Ramos²

RESUMO: O objetivo do presente artigo é analisar duas obras distintas, escritas em formas de auto, “Auto da Barca do Inferno”, de Gil Vicente e “Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna. Apesar de os autos serem inscritos em décadas diferentes, ambos trazem em seu contexto uma cultura religiosa que se assemelha em diversos pontos, e junto com essa cultura uma série de críticas à religião. Outro aspecto que está fortemente demarcado nos autos analisados neste artigo é a questão da absolvição e da condenação dos personagens, e de como a população temia a religião enquanto instituição, bem como a forma como essa mesma população se portava perante a religião, contrapondo com a vida que os personagens levavam antes do julgamento final, vida essa que é essencial para a condenação ou absolvição, pois o fator determinante para ser condenado ou para ser absolvido é a forma como os personagens viveram sua vida enquanto estavam vivos, se seguiram os padrões impostos pela igreja, ou se viveram em pecado.

PALAVRAS-CHAVE: Absolvição, condenação, cultura religiosa.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar duas obras literárias: o “Auto da Barca do Inferno” de Gil Vicente, pertencente ao movimento literário Humanismo e

¹Aluna do curso de graduação em Letras Inglês, Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, 5º período. brgbelo@outlook.com

² Professora Mestre orientadora do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Libras do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. Eione.storti@fasul.edu.br



“O Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna, obra que pertence à Terceira Geração Modernista.

Independentemente dos séculos que separam as duas obras, ambas trazem um tema religioso, e em seu contexto, uma crítica à religião. A religião sempre foi e é até hoje uma instituição de muito valor na sociedade, porém na época em que foram escritas as obras, essa instituição era mais rigorosa, impondo constantemente valores a serem seguidos pelos fiéis.

Mesmo com as mudanças, a igreja católica, historicamente, prega a seus fiéis que para viver uma vida boa, e após a vida ir para o céu, seria necessário seguir os mandamentos da igreja, aquele indivíduo que não segue os mandamentos não viverá uma vida digna e irá para o inferno.

A cultura religiosa imposta nas sociedades, tanto na época do Humanismo quanto na época do Modernismo, remete a uma ideia de que não importa quanto tempo passe, ou qual o perfil da população da época, os valores e preceitos religiosos se perpetuam.

Nesta perspectiva, as duas obras, objeto desta pesquisa, abordam o tema da absolvição e da condenação, ou seja, como acontece a condenação (para o inferno) e a absolvição (para o céu) do indivíduo. Cada obra retrata esse momento religioso de forma diferente, conforme o contexto histórico-social em que foram escritas. Serão analisados esses aspectos de condenação e absolvição presente nas obras, marcados por épocas e estéticas diferentes.

Para o propósito da análise, será feita uma pesquisa bibliográfica que busca reunir materiais, tais como livros, artigos, entre outros, para um estudo aprofundado sobre os autos. Como também buscar-se-á um embasamento teórico, a respeito da época em que foram escritas, para se estabelecer um contraponto entre as diferenças existentes sobre a condenação e a absolvição presente nas obras.

1. AUTO

Para objeto desta pesquisa, utilizamos duas obras literárias escritas em forma de autos. Os Autos são gêneros literários escritos em redondilha, para que



sejam encenadas, porém todos os autos falam de religiosidade, da crença ou da igreja.

Além do tema predominantemente ser a igreja, alguns autos trazem algumas sátiras, críticas e até um teor cômico em seus contextos. Os autos utilizados nesta pesquisa serão: “O Auto da Barca do Inferno” e o “Auto da Compadecida”.

Os autos são, nos dias de hoje, como o teatro. O teatro por sua vez não fala somente da religiosidade, podem ser usados para diversas funções, tais como diversão, sátira e reflexão. Segundo Cereja (1995, p. 30) “a principal função da atividade teatral é a de proporcionar prazer. Um prazer que educa, conscientiza e diverte”.

2. OS AUTOS

A seguir será exposto um breve resumo dos autos analisados neste artigo.

2.1 O AUTO DA BARCA DO INFERNO

O auto “A Barca do Inferno” é uma obra escrita por Gil Vicente e objeto desta análise. Esse auto se passa num porto onde se encontram duas barcas, uma que

leva ao paraíso, conduzida por um anjo e outra barca que leva ao inferno, conduzida pelo diabo. O anjo e o diabo decidem quem pode entrar em suas respectivas barcas.

O autor retrata o anjo como uma figura sem graça, já o diabo é liberal, recebe todos os personagens que vão para sua barca com humor e simpatia. O anjo é retratado como uma figura sem graça, pois o auto foi escrito no período literário pertencente ao Humanismo, em que as pessoas não viam mais Deus como centro do universo. Já o diabo era retratado como liberal porque as pessoas daquela época



se sentiam mais livres para fazerem o que queriam, sem seguir os padrões da igreja católica.

O primeiro personagem que chega ao porto é o Fidalgo, um representante da nobreza e do luxo, que em vida era tirano e vivia somente na luxúria. O anjo não o quis na barca do paraíso, pois ele havia cometido muitos pecados em vida, então o Fidalgo foi destinado para a barca do inferno.

O segundo personagem é o Onzeneiro, que tenta entrar na barca do paraíso, mas o anjo não o aceitou, pois em vida ele fora ganancioso e avarento. Foi então para a barca do inferno.

O terceiro personagem é Joane, um tolo e inocente que vivia de forma simples, o diabo tenta enganá-lo para que ele entre na barca do inferno, porém ele intercede ao anjo que o deixe ir para a barca do paraíso, e o anjo permite sua entrada.

O quarto personagem é o Sapateiro, um homem que se julga inocente e trabalhador, por isso pede ao anjo para entrar na barca, porém seu pedido é negado, pois em vida ele roubava seus clientes. Então ele é destinado à barca do inferno.

O quinto é o Frade, que segue direto para a barca do paraíso, pois acredita que é seu destino, já que era membro da igreja. Mas ele chega com sua amante e é condenado à barca do inferno por falso moralismo religioso.

O sexto personagem é Brísida, uma **alcoviteira, cujos pertences são seiscentas** virgindades, ou seja, Brísida passou a vida seduzindo meninas para os padres. Ela é condenada por bruxaria e prostituição, e entra então na barca do diabo.

O sétimo personagem a chegar ao porto é o Judeu que é recusado pelas duas barcas. Ele traz consigo um bode, o diabo usa o bode para negar a entrada dele na barca, o anjo também nega, pois argumenta que ele desrespeitou a igreja católica. A única solução foi levar o Judeu a reboque na barca do inferno, com o bode amarrado numa coleira.



Os próximos personagens a chegarem são representantes da lei, o Corregedor, o Procurador e o Enforcado, que são condenados à barca do inferno sob a acusação de manipular a justiça a seu favor.

Por fim, chegam os quatro Cavaleiros, que só cantam hinos, lutaram e morreram defendendo o cristianismo, por isso são perdoados dos seus pecados e sobem na barca do paraíso.

2.2 O AUTO DA COMPADECIDA

O segundo auto a ser analisado neste artigo é “O Auto da Compadecida”. Este retrata a vida de João Grilo e de Chicó, dois amigos que viviam em Taperoá, no sertão nordestino, buscando incansavelmente uma vida melhor. João Grilo é representado como esperto e se aproveita da estupidez das pessoas para conseguir o que quer. Já Chicó é retratado como covarde e mentiroso.

A história se inicia quando João Grilo consegue convencer o padre a enterrar o cachorro da mulher do padeiro. A confusão se instaurou entre os personagens depois que João Grilo vende para a mulher do padeiro um gato, dizendo que ele botava dinheiro. Todos estavam discutindo na igreja, quando chega à cidade Severino, um cangaceiro, juntamente com seu servo, também cangaceiro com objetivo de roubar a igreja. Severino rouba o padre, o bispo e o padeiro, posteriormente os mata levando também a mulher do padeiro e o sacristão.

João Grilo e Chicó enganam Severino dizendo que vão matá-lo, para que ele possa se encontrar com Padre Cícero no céu, e depois o ressuscitariam usando uma gaita, o que não acontece, então, João Grilo esfaqueia o capanga de Severino, mas este consegue se levantar e atira em João Grilo, que acaba falecendo. O único que sobreviveu foi Chicó que vai rezar pelo amigo.



João Grilo vai parar no tribunal celeste e não aceita as acusações do diabo (Encourado) diante de Manuel (Cristo) e chama por Nossa Senhora (Compadecida). Com toda sua esperteza, consegue superar o diabo.

Vão para o purgatório: o bispo, o padre, o sacristão, o padeiro e sua mulher; Severino e seu capanga vão para o céu; e João Grilo, graças à intervenção de Compadecida, volta à vida com a promessa de se portar direito. Reencontra-se com Chicó, que prometeu todo o dinheiro que Severino havia roubado para Nossa Senhora caso João Grilo revivesse.

3. A RELIGIÃO

Os registros presentes na Bíblia Sagrada são muito antigos, entretanto constata-se neles que a religião esteve presente desde a origem dos homens. Porém é notável outra perspectiva frente à criação da igreja.

Os homens têm grande capacidades intelectuais que lhes têm possibilitado adaptação e sobrevivência, mas essas mesmas capacidades nos permitem refletir sobre quase tudo, ponderar seu significado, pensar sobre a morte, lembrar do passado e das pessoas queridas que perdemos e prever um futuro desconhecido. As emoções e ansiedade geradas por essas preocupações impetuosas levaram os homens a criar a religião como uma maneira de enfrentar a especulação cognitiva desenfreada e a preocupação. (TURNER, 1999, p.158)

Independentemente da sua origem, a Igreja está presente em todas as culturas do mundo, em diversas religiões e deuses, cada um com sua peculiaridade, porém todas com uma característica em comum, a crença num ser superior que rege a vida de todos.



A cultura religiosa no Brasil começou quando os jesuítas vieram de Portugal para catequizar os índios que povoavam esta terra. Entretanto, os índios tinham sua religião própria, mas os Portugueses impuseram o catolicismo.

Desde então, a Igreja, em todas as suas formas de religião, continua sendo uma instituição de força no Brasil, como aponta Prass em seu estudo (2015, p. 11) “A religião exerce papel fundamental sobre a sociedade, cultura e até mesmo na formação do caráter do ser humano. É por isso que existe a necessidade de determinados questionamentos de como ela utiliza esse poder influenciador”. A Igreja enquanto instituição buscava doutrinar seus fiéis, para que todos seguissem seus costumes, segundo Foucault (2000, p. 41-42)

À primeira vista, as ‘doutrinas’ (religiosas, políticas, filosóficas) constituem o inverso de uma ‘sociedade de discurso’: nesta, o número dos indivíduos que falavam, mesmo se não fosse fixado, tendia a ser limitado; e só entre eles o discurso poderia circular e ser transmitido. A doutrina ao contrário tende a difundir-se.

Por ser essa instituição tão forte, a religião esteve presente em todos os movimentos literários no Brasil; também serviu de inspiração para que os autores escrevessem suas obras. Algumas dessas obras continham um teor de crítica em relação à religião e outras que eram o oposto, ou seja, tinham uma adoração pela religião.

Segundo a Bíblia Sagrada, o Mundo foi criado por Deus em sete dias, depois de criá-lo, Ele também o habitou com Adão e Eva no Paraíso. No Paraíso os habitantes eram livres, porém havia o pecado, e Adão e Eva não poderiam ceder ao pecado. No entanto, um dia, o que era temido aconteceu, Adão e Eva cederam ao pecado.



Deus mandou seu Filho, Jesus Cristo para que habitasse o mundo, com o intuito de salvar os homens. Buscando uma forma de que todos no mundo vivessem em paz, fora do pecado e seguindo a lei de Deus. Ele criou os 10 mandamentos, objetivando que seus fiéis os seguissem para manterem-se em uma vida correta longe dos pecados. Seu filho Jesus Cristo morreu na cruz para salvar os homens.

Os fiéis acreditavam que quem não seguisse os 10 mandamentos viveria cometendo pecados, acreditavam também que após a morte, os católicos iriam ser julgados pelo que fizeram em vida, seria o dia do julgamento final, a prestação de contas, como apresentado no fragmento abaixo.

Quando o Filho do homem voltar na sua glória e todos os anjos com ele, sentar-se-á no seu trono glorioso. Todas as nações se reunirão diante dele e ele separará uns dos outros [...] Então o Rei dirá aos que estão á direita: 'Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo, porque tive fome e me desdeste de comer; tive sede e me deste de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e vieste a mim'. [...] Voltar-se-á em seguida para os da esquerda e lhes dirá 'Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e seus anjos.' [...] Estes irão para o castigo eterno, e os justos, para a vida eterna. (BIBLÍA. Ave-Maria, Mt 25: 31-46)

Neste discurso presente na Bíblia o recurso de persuasão é implícito de uma maneira muito forte, de tal forma, que perdura por vários séculos, e até nos dias de hoje, este temor que a população religiosa tem de ser condenada por seus pecados. "Uma das formas discursivas mais explicitamente persuasivas é a religiosa: aqui o paroxismo autoritário chega a tal grau de requinte que o enunciador não pode ser



questionado [...] A voz de Deus plasmará todas as outras vozes.” (CITELLI, 2001, p. 48)

Esses aspectos observados, de condenação e absolvição estão presentes nas duas obras analisadas, quando os personagens do auto “A barca do Inferno” vão para o porto e lá embarcam na barca do inferno ou na barca do céu. E quando os personagens do auto “O Auto da Compadecida” morrem e vão para o céu prestar contas de suas vidas.

As obras retratam a vida das pessoas, que eram baseadas no pecado ou na fé. Constata-se que independente da época de produção das obras é possível observar que a visão da igreja católica em relação aos pecados é perpetuada.

Entretanto, desde a época em que foi escrito o primeiro auto utilizado neste artigo até a época do segundo auto, a igreja católica sofreu grandes modificações, porém não perdendo seu contexto essencial de que é necessário viver sem pecados. Essas modificações da igreja católica são vistas quando no segundo auto analisado nenhum personagem é condenado ao inferno, enquanto no primeiro auto a maioria dos personagens são condenados à barca do inferno.

No primeiro auto a religião era vista como autoritária, apesar de todo o movimento antropocêntrico que estava acontecendo, a igreja era absoluta, então se a população vivesse em desacordo com o que a Igreja Católica pregava, eles seriam condenados. Acreditava-se naquela época que o sofrimento era um caminho para a absolvição, como os personagens do auto eram burgueses e viviam uma vida de luxo e poder, não pensavam na morte. Quando morreram e chegaram ao porto, perceberam que com a vida de luxo que haviam gozado na terra não seriam absolvidos, restando-lhes assim um único caminho a seguir, o da barca do inferno, o caminho da condenação.

Já no segundo auto, a igreja é mais “compreensiva”, e entende o que os personagens passavam em suas vidas. Neste auto, fica evidente que tudo o que os personagens passam e sofrem em vida será relevante para sua condenação ou absolvição. Evidencia-se também o lado misericordioso da igreja, buscando sempre mostrar que a fé pode ser a salvação.



Nos dois autos existem personagens ligados à igreja. No primeiro auto o personagem é o Frade, no segundo auto o Bispo e o Padre, todos os três personagens são retratados como gananciosos, buscando sempre o poder. O personagem do Frade é condenado à barca do inferno, já os personagens do Bispo e do Padre vão para o purgatório, um lugar onde poderiam pensar nos erros que cometeram em vida e limpar suas almas antes de irem ao paraíso.

No “Auto da Compadecida” João Grilo é mandado de volta à vida, ou seja, teve uma segunda chance para viver, como uma forma de redenção. Os personagens que foram para o paraíso, de certa forma, também estão condenados, a viver no mesmo lugar para sempre, já os personagens que foram para o purgatório, após purgar suas almas, também irão para o paraíso, estando assim, todos os personagens na mesma condição. Mesmo que o paraíso seja um bom lugar, não poderão mais sair. Já João Grilo estava livre, vivendo na Terra e podendo dar continuidade em sua vida.

No auto de Gil Vicente, o personagem do Judeu chega ao porto com um bode, que é característico de sua religião. Este personagem sabia que não poderia ir à barca do céu, tenta entrar então na barca do inferno, porém o diabo também o recusa, pois não é digno de estar com os cristãos mesmo que sejam pecadores. O Judeu não quer deixar o bode no porto, a única solução então, é levar o Judeu e o bode a reboque na barca do inferno.

4. LITERATURA

A literatura é uma forma de expressão; os autores usavam-na para representar sua subjetividade e sua visão sobre os acontecimentos da sociedade. Amora (2006) escreve que toda obra literária tem sua forma: na música essa forma é o som, a melodia; na pintura é a linha, o desenho; na escultura e na arquitetura as formas são os volumes, a composição; e na literatura, a forma é a linguagem, retratada pelo escritor através de seus sentimentos, fatos sociais e acontecimentos.

O conteúdo da obra literária é um conteúdo intuitivo, ou seja, o autor tem em seu subconsciente como conhecimento de mundo, ou memórias ou ainda



sentimentos. Não é baseado em fatos como um conteúdo científico; é um conteúdo que os leitores possam se identificar.

A obra literária se distingue das demais obras por sua forma, pois não se assemelha a uma obra científica e nem a uma obra comum. A obra literária usa uma linguagem mais complexa, escrita de uma forma que evidencie os sentimentos, que deixe o leitor preso à obra que está lendo. A obra literária é escrita de forma a valorizar as escolhas de palavras perfeitamente agrupadas, cujo efeito é deixar o texto mais belo.

Porém, juntamente com todos esses elementos constituintes, as obras literárias necessitam de um leitor, Coutinho (1976) diz que a literatura surge onde há um povo que vive e sente. Toda obra é escrita a um público alvo, sem esse público a obra literária não passaria de um escrito.

Tal fato levou os teóricos da literatura a dizerem que o autor cria a obra e o leitor a recria. A recriação de uma obra literária pelo leitor é sempre feita em termos muito pessoais. Cada um de nós compreende, sente e julga uma obra de acordo com suas possibilidades de compreensão, com seu tipo de sensibilidade e sua capacidade de crítica. (AMORA, 2006, p. 121)

A literatura como uma forma de representação da arte, está veiculada a sociedade em que foi escrita. Mesmo que indiretamente a realidade está presente de alguma forma nos traços da literatura. Cereja (1995) diz que um artista parte das experiências sociais e pessoais em que vive para criar uma supra-realidade ou uma realidade ficcional, e é por meio destas que o autor transmite seus sentimentos ao mundo real.

Esta manifestação artística pode ser escrita com várias finalidades, dentre elas a emoção, o divertimento, o entretenimento, mas também podem ser usadas como forma de denúncia social, de crítica, essas, por sua vez, são escritas pautadas numa realidade específica como forma de luta social. Segundo Cereja (1995, p.12) “[...] a obra literária é um objeto vivo, resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade”.



Atendendo a necessidade de diferentes momentos históricos, a literatura foi dividida em períodos literários organizados com ideais particulares de cada um, ora com a visão para literatura, ora para a prosa ou ainda para a poesia, havia padrões de produções próprios de cada período. Coutinho (1955) diz que o período é, pois, um sistema de normas literárias expressas num estilo.

Servindo-se dos períodos literários apresentados pelos autores supracitados, para essa pesquisa, analisar-se-á nessa periodização literária dois períodos de suma importância para a história literária mundial e brasileira, são eles: Humanismo e a Terceira Geração Modernista.

4.1 HUMANISMO

O primeiro período literário a ser exposto é o Humanismo (1418 – 1527), movimento que surgiu na Europa, mais precisamente na Itália. Esse termo faz referência ao Renascimento; este período estava situado entre a Idade Média e a Idade Moderna. Neste momento da história, o ser humano procura se valorizar mais, deixando o Teocentrismo de lado e dando lugar ao Antropocentrismo. Ou seja, Deus como centro de tudo e o domínio da Igreja Católica são substituídos pelo homem no centro de tudo. O Antropocentrismo, assim como afirma Moisés, (2008, p. 42)

Esta época se caracteriza fundamentalmente pela humanização da cultura. [...] ao nascimento do mundo moderno, na medida em que inaugura um padrão de cultura voltado para o ser humano, seja encarado como indivíduo, seja entrevisto como integrante da coletividade. É certo que a concepção teocêntrica, isto é, tendo Deus como escala de valores, continua vigente, mas já começam a despontar atitudes contraditórias diretamente centradas ao homem.

Foi nesse contexto que surgiu uma nova classe social: a burguesia. Os burgueses não eram os comerciantes e nem servos. Com o surgimento da burguesia as cidades cresceram significativamente, e a partir desse acontecimento foram surgindo novas leis na organização das cidades e o poder parou na mão de pessoas que possuíam dinheiro.



Nessa época as grandes navegações estavam em alta e trouxeram aos homens a confiança e a vontade de conhecer novas realidades. Com isso a sociedade da época valorizava mais o “status” econômico, o corpo humano e as emoções, e começaram a avançar cientificamente.

Através dessas “novidades” da época, a religião perdeu espaço na sociedade, as pessoas começaram a perceber seu papel na Terra, esquecendo-se dos valores religiosos, antes impostos tão fortemente.

Compreende-se que o “status” econômico teve mais importância que os valores religiosos, quando no auto de Gil Vicente, o personagem Frade, um membro da igreja é condenado à barca do inferno, pois esse chega ao porto com sua amante e com trajes que demonstram sua paixão pelo esporte. Quando o Frade tenta entrar na barca do céu é impedido porque não conseguiu decidir entre os prazeres e a penitência.

Ainda neste período literário, aconteceram algumas manifestações literárias que deixavam claras as intenções do movimento, essas manifestações se deram, principalmente, no teatro, na poesia e na prosa.

O teatro popular surgiu então com o intuito de revelar os sentimentos e os acontecimentos daquela época. Gil Vicente (1465 – 1536) foi o nome que se destacou. Nascido em Guimarães, Portugal, foi um dramaturgo e poeta português. Criador de vários autos, é considerado o maior representante do teatro popular de Portugal.

Escreveu mais de 40 peças, que podem ser divididas em autos e farsas. Autos eram peças cujo principal assunto era a religião. Farsas eram peças cômicas e curtas que retratavam o cotidiano.

Suas obras não seguiam uma forma padronizada: eram escritas com uma linguagem popular, e inicialmente apresentada nos interiores das igrejas. Com o tempo, o teatro disseminou-se por todos os lugares, sendo acolhido até nos reinos ibéricos. Segundo Moisés (2008, p. 56), “O teatro de Gil Vicente caracteriza-se antes de tudo, por ser primitivo, rudimentar e popular, embora tenha surgido e se tenha desenvolvido no ambiente da Corte”.



Gil Vicente também escreveu peças religiosamente alegóricas, como, por exemplo, “O Auto da Barca do Inferno”, auto que serviu à análise deste trabalho. Nessa obra, o autor retrata como a população da época se portava frente à religião e, de forma totalmente dependente a esse comportamento, se essa população seria condenada à Barca do Inferno ou à Barca do Céu, conforme suas atitudes em vida.

No auto “A barca do Inferno” pode-se perceber que, a vida que os personagens viviam era necessariamente importante para sua condenação à barca do inferno ou para sua absolvição à barca do céu, pois os personagens que viviam para e pelo dinheiro foram condenados à barca do inferno, o personagem Joane que era considerado “bobo” é absolvido e destinado à barca do céu, pois o anjo percebeu que os males causados por Joane eram causados por inocência e não por maldade.

Joane é retratado no auto com uma linguagem que varia de acordo com sua condição social e cultural, é retratado de maneira “tosca e cheia de simplicidade”, isso ocorre porque a personagem não havia sido corrompida pela sociedade da época, ou seja, não tinha o pensamento antropocêntrico de que estava no centro do mundo e que o poder comandava a sociedade, desta forma, Joane não fazia parte da elite social que se instaurava na época, que eram os burgueses.

Percebe-se como a sociedade influenciava as pessoas com o personagem Sapateiro; o Sapateiro era um homem simples, assim como Joane, de linguagem simples, frequentava a igreja e ajudava os outros, porém roubava de seus clientes, e em meio ao vazio da morte, o sapateiro se apegava ao dinheiro, que lhe deu condições para uma vida na terra, com isso é condenado à barca do inferno. Gil Vicente retrata com esse personagem o apego do homem às coisas materiais, pois no leito de morte, o sapateiro não consegue se libertar dos bens materiais e da ideia antropocêntrica e então é condenado.

4.2 TERCEIRA GERAÇÃO DO MODERNISMO

Terceira geração do Modernismo, nosso segundo período a ser exposto, aconteceu no Brasil em 1945. Este período buscava resgatar os valores dos



períodos anteriores, ou seja, a volta da valorização da métrica, da rima e do vocabulário erudito, pois “Nesse contexto renova-se o gosto pela arte regional e popular, cujo potencial revolucionário torna-se objeto de grande atenção” (AMARAL *et al.*, 2000, p. 294)

Alguns autores como João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, João Guimarães Rosa são nomes que lutam fortemente pela volta dos padrões impostos pelos períodos anteriores.

É no movimento da Terceira geração do Modernismo brasileiro, que renasce o teatro, um gênero popular em que as obras são caracterizadas pelas críticas sociais. Segundo Amaral *et al.* (2000), durante a Segunda Guerra Mundial, em 1943, renasce o teatro com os profissionais estrangeiros que chegaram ao Brasil. Destacaram-se então alguns autores cuja obra era caracterizada pela revolta e denúncia social.

Ariano Suassuna é um dos escritores que se destacam nesse período, nascido em João Pessoa, Paraíba. Defensor da cultura da sua região lançou o Movimento Armorial, que se interessava pelo conhecimento e desenvolvimento das formas de expressão populares tradicionais.

Suas produções não seguem os padrões da Terceira Geração do Modernismo, a exemplo de João Cabral de Melo Neto, dono de uma acentuada tendência para a utilização de uma linguagem concisa e elíptica, como no auto *Morte e Vida Severina* em que o autor coloca a trajetória do migrante nordestino em busca de um mundo melhor no litoral. Por onde passa, Severino, o retirante, encontra miséria, morte, pobreza, sofrimento, como partes da “vida” em oposição à “morte”, em direção a que são despejados. No entanto, há uma quebra na trajetória ao nascer uma criança, representando a fé-esperança (Natal) que ressurge a cada vida que brota. Poesia engajada, de cunho social, retrata a dura realidade das populações nordestinas.

Suassuna era um defensor da cultura popular. Escrevia utilizando uma linguagem popular e coloquial, não seguindo a metrificacão, característica do movimento. Outras características de suas obras são retratadas, colocando em foco



a população nordestina da época, e a fé que essa população mantinha apesar das condições de vida.

No auto “O Auto da Compadecida”, o autor retrata fortemente o aspecto regionalista do sertão brasileiro, colocando foco na pobreza da época, bem como no estilo de vida da população, estilo de vida esse, em que às vezes era necessário fazer coisas que não estavam nos padrões da igreja, pensando unicamente na sobrevivência, porém, não perdendo a fé.

Ariano Suassuna escreveu seu auto, fazendo uma crítica à religião, aos valores impostos por ela, principalmente numa época em que o povo nordestino tinha uma vida tão miserável, onde era necessário tentar sobreviver todos os dias, pois as condições de vida naquela região do nordeste eram precárias, com secas que eram muito rigorosas e o dinheiro não era acessível a todos.

Outra crítica presente em seu auto é ao racismo, porque o autor retrata Deus como uma pessoa negra, para evidenciar que não existe diferença entre a raça das pessoas, identifica-se o preconceito quando o personagem de João Grilo diz ao Manuel (Jesus Cristo) “[...] não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado.” (SUASSUNA, 2014, p.128)

Mesmo com a grande dificuldade que o personagem João Grilo enfrentava, ele, inconscientemente, teve preconceito ao ver Jesus Cristo negro, diferente da forma humana que a igreja apresentava, sendo um homem branco com barba longa. Essa forma de preconceito inconsciente se deve à sociedade, que retratava os negros como escravos, logo, causa-lhe estranhamento ver Jesus Cristo negro, mas isso não abalou a fé de João Grilo.

Apesar de toda a dificuldade que o povo nordestino encontrava para sobreviver, a fé estava sempre presente na vida dos personagens, ela servia como uma ponte para uma vida melhor que os personagens aguardavam incansavelmente.

Afirma-se esse aspecto religioso no auto de Ariano Suassuna quando o personagem “João Grilo” morre e vai para o tribunal celeste, onde o diabo quer condená-lo por seus pecados, João Grilo, recorre a Nossa Senhora Aparecida e Ela dá uma segunda chance para que ele não seja pecador.



Ariano Suassuna busca, em seu auto, retomar os valores do Teocentrismo que foram deixados para trás, na Idade Média, colocando em evidência os problemas encontrados pela população marginalizada da sociedade, ou seja, aqueles que ficaram à margem do desenvolvimento trazido pelo progresso e esquecidos pelo poder político e econômico daquela região, somados a toda a problemática trazida pela seca que, naquele momento histórico, assolou o povo nordestino, tais como a pobreza, a fome, a miséria.

Suassuna também retoma os valores religiosos e como a fé pode sim salvar as pessoas, o que havia se perdido no Humanismo, que evidenciava o poder e o homem no centro do universo, deixando de lado os valores religiosos, que outrora eram preponderantes na vida das pessoas que buscavam na fé e na religião a solução para os seus problemas e uma vida santificada como forma de redenção e, também, a salvação.

Contrapondo esse estilo pobre da população nordestina, Ariano Suassuna, também evidência em seu auto o que Gil Vicente demonstrava na sua obra, que o poder tenta corromper os valores religiosos.

Constata-se esta crítica quando João Grilo e Chicó chegam à igreja pedindo ao Padre João que benzesse um cachorro, o padre achou um insulto pedirem para benzer um cachorro e disse que não benzeria de jeito nenhum, João Grilo questionou que o padre já havia benzido um motor do Major Antônio Moraes, o Padre disse que motor era diferente. João Grilo disse que o cachorro também era do Major Antônio Moraes. Ao saber dessa informação o padre muda de ideia e diz que não vê nenhum problema em benzer um cachorro que também é uma criatura de Deus, demonstrando uma postura contraditória referente aos seus interesses.

O padre João era o pároco da pequena igreja de Taperoá, por ser padre tinha uma condição de vida melhor que a dos moradores da cidade, mas não perdia nenhuma oportunidade de ter mais poder. Tanto que, ao ser enganado por João Grilo, o padre enterrou o cachorro da mulher do padeiro, pois João Grilo afirmou que o cachorro teria deixado dinheiro para o padre em seu testamento. Entretanto não foi apenas um enterro, o padre fez uma cerimônia para enterrar, e rezou em latim esta



cerimônia, costume esse muito antigo da igreja católica, onde somente pessoas poderiam ser enterradas com esse tipo de cerimônia.

Já Major Antônio Moraes era rico, senhor de terras, tinha vários empregados trabalhando para ele, detinha muito poder e influência na pequena cidade. Todos faziam o que ele mandava, inclusive o Padre e o Bispo.

As duas obras analisadas enfatizam que o poder tenta corromper os valores religiosos, todavia quando os personagens que foram corrompidos pelo poder chegam ao dia do julgamento, a única forma de salvação é a fé e a crença, o poder econômico que detiveram em terra só ajuda na condenação. Suassuna evidencia que a fé é a única forma de salvação quando o personagem de João Grilo intercede por Nossa Senhora Aparecida “E para que foi que você me chamou, João?[...] Eu só podia me pegar, mesmo, com a senhora.[...] Intercedo por esses pobres que não têm ninguém por eles, meu filho. Não os condene” (SUASSUNA, 2014 p. 147 - 148).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo é fazer uma comparação entre as obras já citadas. Observa-se que na obra de Gil Vicente, “O Auto da Barca do Inferno” os personagens eram todos burgueses da sociedade da época, e viviam conforme quisessem, sem seguir padrões.

Já na obra de Ariano Suassuna, “O Auto da Compadecida” os personagens eram muito religiosos e viviam sempre motivados pela fé, apesar de fazerem coisas que iam contra os princípios da religião, a fé era predominante.

Verifica-se que a maioria dos personagens da obra “O Auto da Barca do Inferno” foram para a barca do inferno, ou seja, foram condenados ao inferno. Já na obra “O Auto da Compadecida” alguns personagens ficaram no purgatório, outros foram absolvidos e um até voltou para a vida, mas nenhum foi condenado ao inferno propriamente dito.

Compreende-se então que a fé dos personagens da obra “O Auto da Compadecida” fez com que fossem absolvidos dos seus pecados que praticaram em



vida. E os personagens da obra “O Auto da Barca do Inferno” foram condenados, pois recorreram à fé somente na hora da morte.

Os personagens absolvidos de “O auto da Barca do inferno” foram somente Joane, que era considerado um tolo e ainda não havia sido corrompido pela sociedade, e os Quatro Cavaleiros que só cantavam hinos, o que demonstrava o interesse deles pela barca do céu, por isso também são absolvidos.

Já no “Auto da Compadecida” Severino e seu Servo que são cangaceiros e mataram os demais personagens, são absolvidos para o paraíso, porque quando ainda eram crianças sofreram um ataque, a polícia matou suas famílias, os dois enlouqueceram, sendo assim, não eram responsáveis pelos seus atos, mas vitimados pelas circunstâncias do meio, afirmando a teoria de que o homem é produto do meio em que está inserido e, em consequência disso, não foge ao que lhe é prédestinado.

Os outros cinco personagens (o Padre, o Bispo, o Sacristão, o Padeiro e a sua esposa) vão para o purgatório, um lugar onde poderiam considerar tudo o que fizeram em vida e após “limpar” suas almas vão para o paraíso. Todos haviam pecado em vida, mas Manuel e a Compadecida tiveram compaixão por eles e não os condenaram ao inferno. Porém, tanto os personagens que foram para o paraíso quanto os personagens que foram para o purgatório, foram condenados a permanecer somente em um lugar eternamente.

Quando chegou a vez de João Grilo ser julgado, Manuel deu a ele o direito de defesa, mas ele não quis se defender, porque tinha plena consciência de que havia pecado em vida e merecia pagar por seus erros, entretanto a Compadecida sabia que João era uma pessoa de bom coração e nunca perdera a fé, que os erros cometidos em vida eram justificáveis, devido às condições em que vivia. A Compadecida sabia que João merecia mais do que ir para o paraíso, João Grilo merecia a redenção de seus pecados.

A Compadecida e Manuel pediram então se João Grilo gostaria de voltar para terra, João Grilo aceitou a proposta sem titubear, e ficou lisonjeado pela misericórdia que a Compadecida e Manuel tiveram por ele.



Antes de morrer, João Grilo e Chicó haviam recolhido todo o dinheiro que Severino roubara. Quando estava em seu leito de morte, João Grilo disse à Chicó que ficasse com o dinheiro. João Grilo voltou em sua segunda chance de vida, e o amigo já estava levando seu corpo para ser enterrado. Ao acordar, João Grilo deu um susto em Chicó, mas contou-lhe o que havia acontecido, então agora estaria vivo e com o dinheiro para ter uma vida boa. Teve uma grande surpresa quando Chicó lhe disse que havia prometido todo o dinheiro para Nossa Senhora Aparecida, caso João voltasse à vida.

Entregaram então o dinheiro para pagar a promessa e continuaram a viver uma vida plena, mas em condições difíceis, sempre mantendo a fé. Esse posicionamento, diante da vida demonstra como os preceitos religiosos e a fé cristã estão cristalizados na vida do homem moderno. A vida simples, despojada de todos os bens materiais, ainda é a garantia para se ter a vida eterna e o perdão de todos os pecados.

Preceitos religiosos trazidos pela Idade Média e cultivados até a modernidade que mostram a visão de um homem não mais vivendo uma dualidade de vida, mas imerso em um universo cristão onde os valores religiosos se sobressaem aos valores propagados pelo meio social, onde prevalecem o poder e o pensamento pagão.

Vale ressaltar que o estudo desenvolvido, pode ser enriquecido, uma vez que, a leitura apresentada, abre espaço para novas discussões que podem corroborar para a análise apresentada.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo; SEVERINO, Antônio Joaquim. **Português**. São Paulo: FTD, 2000.

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.



BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: Centro Bíblico Católico. 145. ed. rev. São Paulo: Ave Maria, 2001.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura brasileira**. São Paulo: Atual, 1995.

CHINOY, Ely. **Sociedade, uma introdução à sociologia**. 15 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 15 ed. São Paulo: Ática, 2001.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976.

_____. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana S. A, 1956.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katál**, Florianópolis v. 10 n. esp. P. 37-45 – 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004> Acesso 25 abr. 2019.




MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação a pesquisa bibliográfica**: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

MANFROI, José. **Curso de pós-graduação Lato Sensu a distância: disciplina de métodos e técnicas de pesquisa**. Campo Grande: UCDB/EAD, 2006.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

PRASS, Claudiane. Analisado o efeito da transparência da linguagem no discurso religioso das capas da Revista Cristo Rei. **Revista Trama**, Cascavel v. 11, n. 22, p. 11 – 19, jul/dez de 2015. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/12081/8410>> Acesso em 23 out. 2019.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 36 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.



Saberes Docentes, Diversidade e
Inclusão na Escola, Práticas Pedagógicas
Inovadoras e Gestão Educacional

2º Congresso Internacional de Educação
7º Congresso de Educação da FAG

13 a 17 de Maio de 2019 - ISSN 2318-759X

TURNER, Jonathan H. **Sociologia conceitos e aplicações**. 2 ed. São Paulo: Markon Books, 1999.

VICENTE, Gil. **Auto da barca do inferno**. 12 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.